



SANCHEZ, Wagner Lopez (Org.). **Aparecida**: significados e perspectivas. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2018. 214 p. ISBN 978-85-369-0543-3.

André Rocha Cordeiro\*

Figura de múltiplas faces e devoções, a Virgem Maria é o âmago das discussões que compõem a obra *Aparecida: significados e perspectivas*. Publicada em 2018, na cidade de Aparecida, SP, pela Editora Santuário, a obra traz reflexões iniciadas no XI Congresso Mariológico Internacional, realizado no ano de 2017, evento que celebrou os 300 anos da aparição da imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição nas águas do rio Paraíba do Sul.

A obra é organizada em duas partes, com seis capítulos cada, uma apresentação, um prólogo e um epílogo. Os autores dos capítulos, em sua maioria, estão inseridos em Programas de Pós-Graduações em Ciências da Religião ou Teologia de Pontifícias Universidades Católicas (PUC-SP, PUC-Campinas, PUC-PR e PUC-Rio) e buscam apresentar olhares multidisciplinares sobre a figura de Maria e suas devoções.

No texto de apresentação da obra, Wagner Lopez Sanchez – Doutor em Sociologia e Professor na PUC-SP – precisa sobre a relação entre a devoção a Nossa Senhora Aparecida e a trajetória do povo brasileiro, relação esta que ultrapassa as barreiras institucionais do catolicismo. Já no prólogo, de autoria de João Décio Passos (PUC-SP) e Wagner Lopes Sanchez, observamos uma discussão sobre a

---

Resenha recebida em 29 de outubro de 2018 e aprovada em 18 de dezembro de 2018.

\* Doutorando em História no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, PR. País de origem: Brasil.  
E-mail: andrerochacordeiro@hotmail.com

complexidade e diversidade das devoções marianas desde os primórdios do cristianismo até a atualidade.

A primeira parte da obra, intitulada *Representações e Devoções*, aborda representações marianas em múltiplas fontes (artes, fotografias, festas e festejos, indumentárias e práticas religiosas) e diversas devoções. No capítulo *Nos braços de Nossa Senhora: a arte a estética do acolhimento*, o cientista da religião Cláudio Santana Pimentel (PUC-SP) busca analisar as representações marianas nas obras de Cândido Portinari, Ariano Suassuna e Chico Buarque. Fazendo uso da categoria de “dobra”, de Gilles Deleuze, o autor tece contribuições sobre a “pedagogia do sofrimento” no cristianismo e sobre as construções da figura da mãe dolorosa – *Mater Dolorosa* ou *Pietá*. Segundo Pimentel (2018, p. 32), novas Pietás foram construídas ao longo da história no Ocidente por artistas desvinculados a instituição religiosa, como, por exemplo, na obra *Guernica* (1937), do espanhol Pablo Picasso, no quadro *Criança Morta* (1944), de Cândido Portinari, na peça teatral *Uma mulher vestida de sol* (1947), de Ariano Suassuna, e na canção *Meu Guri* (1981), de Chico Buarque.

O fotógrafo Marco Antonio Fontes de Sá, doutorando em Ciência da Religião na PUC-SP, no capítulo *Maria do Rosário, santa branca na devoção de negros*, por meio de fotografias e pesquisa de campo, analisa os festejos a Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais, mais detidamente na região do Vale do Jequitinhonha. Para o autor, nas festas, organizadas pelas Irmandades dos Pretos, o rito da retirada da imagem das águas pelos negros reatualiza o mito fundador da Virgem do Rosário e sua relação com a cosmologia Bantu, aproximando, assim, a santa branca de seus devotos negros.

A análise dos mantos das imagens de Nossa Senhora de Guadalupe e de Nossa Senhora Aparecida é a centralidade da discussão de Ana Maria de Sousa, doutoranda em Ciência da Religião na PUC-SP, no capítulo *Os mantos de Nossa Senhora de Guadalupe e Aparecida*. Fazendo uso da mantologia, categoria criada pela autora, Sousa busca compreender as indumentárias das imagens marianas

para além de sua simbologia ornamental, destacando os interesses políticos e religiosos inseridos nelas. Desse modo, destaca que no caso de Nossa Senhora de Guadalupe a figura celeste e os chifres que sustentam a Virgem Maria eram símbolos de figuras astecas, bem como a cor turquesa de seu manto rememora o manto utilizado pelo imperador asceta Montezuma. Já no caso de Nossa Aparecida, os primeiros símbolos e indumentárias estão atrelados ao Império Português dos Bragança. Inicialmente a imagem de Aparecida foi revestida por um manto na cor carmesim e, posteriormente, teve a cor alterada para o azul escuro e o vermelho granada (cores de Império). Ademais, a imagem de Nossa Senhora Aparecida recebeu uma coroa e a inserção de brilhantes e as bandeiras do Vaticano e do Brasil em seu manto.

Em *A devoção a Nossa Senhora do Brasil*, Rita de Cássia Goulart Caraseni, mestra em Ciência da Religião pela PUC-SP, revisita a história, as fases e as práticas devocionais à Virgem do Brasil. A imagem de Nossa Senhora do Brasil foi, segundo Caraseni (2018, p. 67), construída pelo padre jesuíta José de Anchieta, no século XVI, com o objetivo de catequizar os indígenas brasileiros. A imagem tem os corações do menino Jesus e de Maria expostos, denotando o nome original da devoção (Nossa Senhora dos Divinos Corações) e aspectos da Reforma Católica. Assim, o século XVI seria a primeira fase da devoção a Nossa Senhora do Brasil, ou seja, a devoção enquanto instrumento catequizador. Já a segunda fase (1828-1923) seria marcada pelo traslado da imagem pelos frades capuchinhos e a difusão do culto a *Madonna del Brasile* na Itália. E a terceira fase, iniciou-se com a criação de igrejas e capelas dedicadas à santa após a viagem de Dom Frederico Benício de Souza e Costa à Itália, em 1923.

O estudo de festas marianas nas cidades de Manaus, Manacapuru e Itacoatiara, no Estado do Amazonas, é o foco da discussão realizada por Rodrigo Fadul Andrade, doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM, e Sérgio Ivan Gil Braga, doutor em Antropologia Social e professor na UFAM, em *Festas religiosas e devoções populares à Virgem Maria no Amazonas*. O primeiro registro de culto à Virgem Maria na região amazônica

remete à devoção a Nossa Senhora de Nazaré, no período setecentista. Posteriormente, a devoção expandiu-se e novos cultos à Virgem, em variados títulos, ganhou espaço na região amazônica. Assim, ao analisarem as festas a Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru, a Nossa Senhora do Rosário, em Itacoatiara, e a Nossa Senhora Imaculada Conceição, em Manaus, os autores buscam refletir sobre a relação entre as cerimônias, as práticas religiosas/rituais e os espaços públicos.

Em *Uma representação de Nossa Senhora Aparecida na Umbanda*, Marcos Verdugo, doutorando em Ciência da Religião na PUC-SP, objetiva analisar, de forma comparativa, as práticas de tradução e as relações estabelecidas entre a Nossa Senhora Aparecida e a orixá Oxum. O autor parte da categoria de linguagem, de Édouard Glissant, para analisar relatos de milagres consagrados pela oralidade e pelo imaginário popular, sendo eles: o milagre do escravo Zacarias, o milagre do menino Marcelino e o milagre da menina cega, filha de Gertrudes Vaz. Segundo Verdugo (2018, p. 99), na tradução de Nossa Senhora Aparecida para Oxum na linguagem umbandista, “temos dois símbolos que apresentam continuidade com o imaginário católica (mãe e utopia da fé) e um símbolo de descontinuidade (a virgem imaculada)”.

*Significados e Reflexões* é o título dado à segunda parte da obra. Nesta, os autores discutem diferentes representações construídas da Virgem Maria e seus múltiplos significado ao longos da história. As origens luso-espanhola da devoção mariana no Brasil é a temática da discussão apresentada por Neffertite Marques da Costa, mestranda em Ciência da Religião na PUC-SP, no capítulo *As raízes ibéricas da devoção mariana no Brasil*. Realizando uma revisão bibliográfica, acerca das devoções marianas no Brasil, a autora intenta demonstrar a influência dos governantes e dos religiosos (franciscanos e jesuítas) ibéricos nas construções devocionais à Virgem Maria. De acordo com a autora, a maioria das devoções marianas adveio de Portugal, como a devoção à Imaculada Conceição; todavia, não devemos esquecer a circularidade populacional da região ibérica, principalmente a

região de Santiago de Compostela, e que contribuiu para a difusão de cultos e devoções marianas, como a Nossa Senhora das Mercês.

Leandro Faria de Souza e Valéria Aparecida Rocha Torres, ambos doutorandos em Ciência da Religião na PUC-SP, em *Nacionalismos latino-americanos e a devoção mariana*, buscam discutir a questão religiosa e os projetos nacionalistas da América Latina a partir das representações marianas. No caso brasileiro a figura de Nossa Senhora Aparecida, imagem encontrada nas águas do rio Paraíba do Sul, içada por redes de pescadores e sem mensagem revelada, tornou-se objeto do projeto de construção de um símbolo religioso nacional, no século XIX. Já no século XX, Nossa Senhora Aparecida tornou-se padroeira do Brasil, por meio de decretos presidenciais, e símbolo da identidade nacional. Por sua vez, na figura de Nossa Senhora de Guadalupe observamos as características do encontro de culturas: a espanhola e a indígena, ou seja, a “integração de dois mundos” (SOUZA; TORRES, 2018, p. 133). Assim, segundo os autores, as virgens de Aparecida e de Guadalupe expressam projetos político-religiosos de seus contextos históricos e ações da instituição católica no desenvolvimento de identidades nacionais.

O estudo de imagens marianas é o âmago da discussão de Michele dos Santos Dias, mestrandia em Ciência da Religião na PUC Campinas, no capítulo *A beleza simbólica das imagens marianas como mediação da experiência religiosa*. A escolha do objeto de estudo, por parte da autora, deu-se em função da relevância que as imagens possuem nas experiências religiosas e nas devoções marianas. Ademais, segundo Michele Dias (2018, p. 139), o objetivo da pesquisa é “apresentar uma reflexão acerca da beleza das imagens marianas como possibilidade de mediação da experiência religiosa na expressão e contemplação de seus elementos simbólicos”. Assim, na perspectiva de compreender as imagens cristãs em suas funções de comunicação e diálogo, para além da pedagógica, a autora respalda suas reflexões em Bruno Forte, Mircea Eliade, Paul Ricoeur, dentre outros teóricos.

As visões protestantes da Virgem Maria norteiam as reflexões de João Marcos de Oliveira Silva e Thiago Vieira Nogueira. No capítulo *As representações de Maria, mãe de Jesus, entre os evangélicos*, João Marcos de Oliveira Silva, mestrando em Ciência da Religião na PUC-SP, busca analisar as posturas dos reformadores quinhentistas e dos evangélicos da contemporaneidade. Para tanto o autor revisita escritos dos reformadores do século XVI e faz uma pesquisa empírica junto a uma comunidade da Igreja Assembleia de Deus<sup>1</sup>, na zona sul da cidade de São Paulo. A partir da análise das fontes, Silva (2018) observou que entre os reformadores, do século XVI, Maria era compreendida como exemplo de fé; já entre os evangélicos, na contemporaneidade, Maria é vista enquanto elemento religioso dos católicos romanos, logo, ser evangélico é não ser católico.

Por sua vez, Thiago Vieira Nogueira, mestrando em Teologia na PUC-PR, em *O pensamento mariológico de Lutero no comentário ao Magnificat*, averigua o perfil construído sobre Maria por Martinho Lutero no século XVI. A partir do comentário sobre o *Magnificat*, escrito por Lutero nos tempos conturbados da Reforma, o autor compreende a construção da figura modelar da Virgem Maria proposta pelo reformador a todos os cristãos.

Em *A maternidade virginal de Maria na redenção de Jesus Cristo em Irineu de Lião e na Lumen Gentium*, Leonardo Henrique Piacente, doutorando em Teologia na PUC-PR, perscruta as representações da Virgem Maria nos documentos doutrinários de Irineu de Lião e da *Lumen Gentium*. Segundo o autor, em ambas compreensões teológicas, Maria ocupa lugar de destaque na economia salvífica. Para Irineu de Lião, Maria, por meio de sua obediência, era o sinal de humanidade na Encarnação do Verbo; já no documento conciliar da *Lumen Gentium*, Maria, enquanto cooperadora, é aquela que inaugura a nova economia salvífica prometida no Antigo Testamento bíblico.

---

<sup>1</sup> A escolha da referida instituição deveu-se a constatação de que esta é a maior denominação religiosa evangélica do Brasil, de acordo com o IBGE 2012 (SILVA, 2018, p. 162).

Por fim, no *Epílogo*, intitulado *A mãe de Jesus no Evangelho de João*, Dom Francesco Biasin – Bispo Diocesano de Barra do Piraí-Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro – revisita Evangelho de João na perspectiva de compreender o lugar ocupado por Maria no plano salvífico. Segundo o autor, no Evangelho de João, Maria figura enquanto aquela que colabora para a chegada do Novo, ou seja, ela é o elo entre o Antigo e o Novo Testamento.

Desse modo, podemos notar a riqueza dos capítulos que compõem a obra *Aparecida: significados e perspectivas*. Por meio de discussões multidisciplinares, os autores objetivam lançar reflexões sobre as Marias, no plural, que compõem a figura da Mãe de Jesus. O livro, embora em seu título faça menção à devoção a Nossa Senhora Aparecida, constitui, em nossa compreensão, uma referência importante para todos aqueles que têm como objeto de pesquisa a figura da Virgem Maria.